

Journal O Cola

Why Do We Need Pride?



Eugenia Patricia



Título Original: Why Do We Need Pride?

© 2021, Jornal O Cola

2ª Edição (Jornal O Cola) Maio 2021

Capa: Eugénia Patrício

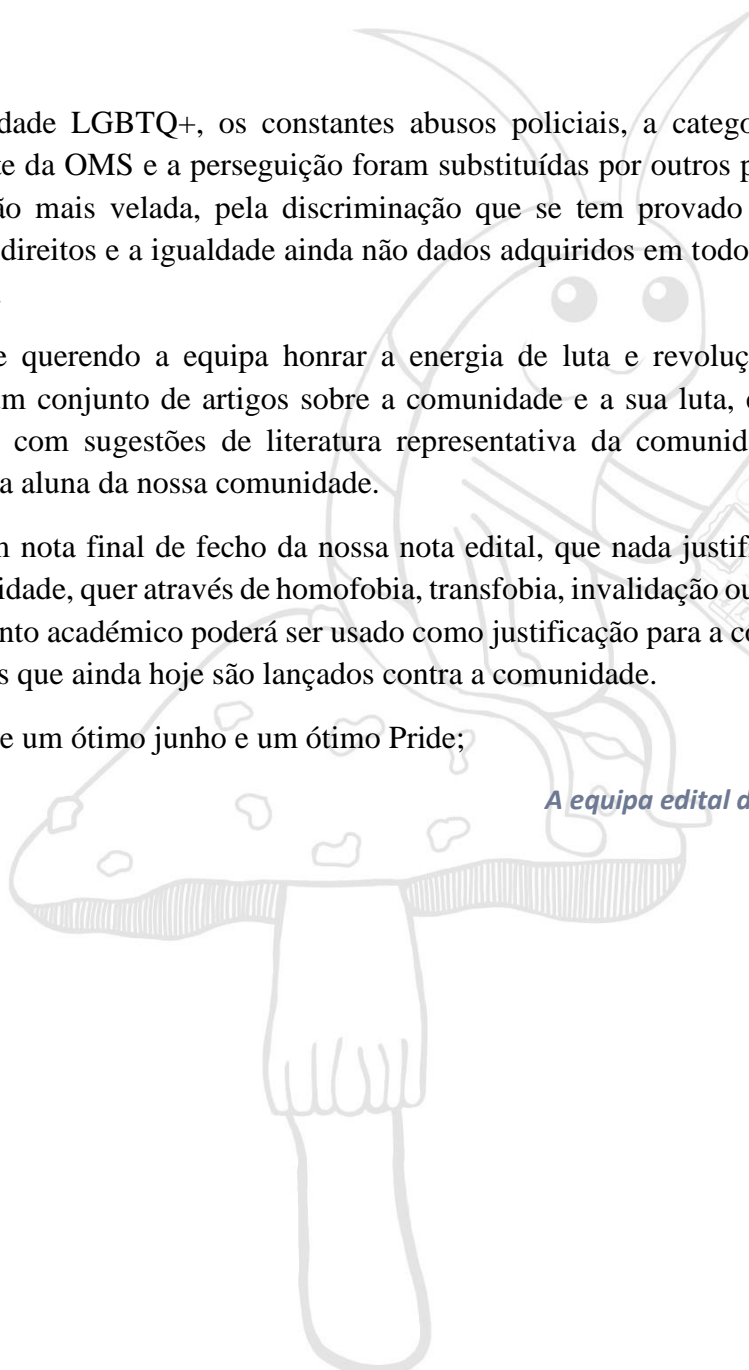
Para a comunidade LGBTQ+, os constantes abusos policiais, a categorização como doença por parte da OMS e a perseguição foram substituídas por outros problemas, por uma perseguição mais velada, pela discriminação que se tem provado fatal e outras tribulações. Os direitos e a igualdade ainda não dados adquiridos em todo o lado e é por isso que se luta.

Assim sendo, e querendo a equipa honrar a energia de luta e revolução deste mês, apresentamos um conjunto de artigos sobre a comunidade e a sua luta, e adicionamos espaço cultural com sugestões de literatura representativa da comunidade e poemas originais de uma aluna da nossa comunidade.

Lembramos, em nota final de fecho da nossa nota edital, que nada justifica o continuo ataque à comunidade, quer através de homofobia, transfobia, invalidação ou outros meios. Nem o movimento académico poderá ser usado como justificação para a continuidade de todos os ataques que ainda hoje são lançados contra a comunidade.

Com o desejo de um ótimo junho e um ótimo Pride;

A equipa editorial do Jornal O Cola



Those girls were on fire

Amor Sáfico E Subversão Do Olhar Em *Portrait De La Jeune Fille En Feu*.

A propósito da celebração do mês do Orgulho LGBTQ+, alguma atenção deve ser dada ao cinema *queer*. Particularmente, debruçar-me-ei sobre breves considerações acerca do filme *Portrait de la jeune fille en feu*, de Céline Sciamma (2019, 120'). Tendo vencido o Queer Palm do Festival de Cannes, admito que qualquer cinéfilo que assista a este filme sentirá que o prémio faz todo o sentido – não só a distinção de filmes que subvertem as relações heteronormativas, como este filme em específico, que valerá a pena obter a nossa atenção e será sobre essas motivações que reflectirei nos curtos parágrafos que se seguem, em conjunto com uma breve análise sobre o clímax do filme.

Não pretendo fazer uma sinopse do filme – creio, aliás, que ao leitor atento caberá a curiosidade de fazer a sua pesquisa pessoal e não o que quer que seja que um texto (crítico ou não) lhe possa dizer. Assim sendo, ocupo-me antes da tarefa de pedir aos interessados que atentem na subversão do mito de Orfeu e Eurídice presente no filme. Não só é substituída a relação heteronormativa, como as figuras masculinas estão praticamente ausentes no filme – o seu poder é invisibilizado, para dar palco às questões femininas, que não se cingem à relação espiritual e carnal entre duas mulheres: o aborto clandestino, as dores menstruais, o papel desempenhado pelas mulheres profissionalmente e na família são também tópicos abordados no filme, ou até mesmo (e este sim parece-me um pouco mais incomum), o *female gaze* (em oposição à clássica expressão de *male gaze* popularizada por John Berger, mas da autoria de Laura Mulvey). Não só o filme trata de questões relacionadas com o binómio observar/ser observado, como esse olhar parte do sujeito feminino e assume as diferenças de género entre um e outro olhar.

O clímax do filme não foge a esta dinâmica do olhar feminino e cativa o espectador, não só pelo raro momento musical (o filme contém três momentos musicais, sendo este o segundo), como o esplendor com que a cena se desenvolve, com pouco diálogo e uma alta codificação de imagens, a que associamos o título do filme e da obra homónima pintada pela protagonista. A **cena da fogueira** é um dos momentos-chave do filme, uma vez que irá fazer a âncora entre o quadro que vemos unicamente no início do filme, o título desse quadro e, simultaneamente, o título do próprio filme ao qual o espectador assiste.

Em apenas dois minutos e vinte segundos (mais ou menos a duração deste momento em particular), o que se assiste assume múltiplas camadas de análise, às quais faremos uma breve reflexão, que irá relacionar o que observamos e o que ouvimos com o **arco narrativo** do enredo do filme, o **título** do mesmo e o **elemento da mise-en-scène** que se assume como o protagonista deste clímax da acção – o vestido em chamas Héloïse que veste[1].

Primeiramente, começamos por observar Héloïse, enquadrada ao centro, em primeiro plano e num plano médio, sendo o **ambiente** desta cena um ambiente escuro e cuja iluminação é feita principalmente por luz em tons quentes, replicando chamas. A

nível de *mise-en-scène*, esta pauta-se pelo minimalismo, por ser uma cena passada durante a noite e porque o foco da mesma será nas personagens e no simbolismo dos poucos elementos que se encontram expostos à câmara – sobretudo, a fogueira. O guarda-roupa das personagens remonta ao período histórico retratado no filme – o século XVIII -, maioritariamente em tons acastanhados, excepto no caso das duas protagonistas, uma de azul e outra de vermelho, que são cores especialmente magnéticas, portanto, aludem não só a uma atracção, mas também a uma polaridade. Neste mesmo momento, ouvimos também o som crepitante das fagulhas das chamas (para o qual o artigo de Albertine Fox[2] chama a atenção) – o barulho do crepitar não significa apenas uma intenção e uma escolha da realizadora para que o espectador perscrute a fogueira, analisando-a poeticamente, é também o som de algo que alude ao **simbolismo** do amor, da paixão carnal, da intimidade, dos batimentos cardíacos.

Quando Héloïse desvia o olhar para observar as mulheres (em segundo plano, atrás de si), há um corte para um plano de Marianne, que está também a fixada em algo. Pela lógica da **convenção espacial cinematográfica**, deduzimos que estas estão a trocar olhares. Esta troca de olhares é interrompida pela entrada em campo de Sophie, a criada, pela direita (esta cena é quase toda feita de planos fixos e cortes entre planos). Sophie fala com Marianne sobre um tema feminino e associado ao tabu: o aborto. Encontra-se aqui a **motivação** deste encontro na fogueira – as três mulheres que acompanhamos o filme quase todo (Héloïse, Marianne e Sophie), imiscuem-se naquele ambiente devido à procura duma resolução para o problema de Sophie. Ligado a este carácter profano, há um momento de intimidade, de irmandade, unicamente partilhado por mulheres e cujo ambiente se assemelha quase à bruxaria, ao ritual (com música e bebida) e é precisamente emergidas neste ambiente que as três mulheres e os espectadores são introduzidos ao segundo momento de **música diegética** no filme – a câmara capta Sophie e Marianne a fitarem algo fora de campo e entra o som da primeira nota da música, que começa suave e irá aumentar a intensidade do tom e atingirá notas mais agudas. Em segundo plano, observamos as mulheres atrás de si a movimentarem-se – dirigem-se para a fogueira onde será cantado o verso em Latim “Fugere non possum”[3], num ambiente intimista reforçado pela música *acapella*, pelas palmas e olhares trocados entre as mulheres. A câmara capta os olhares das mulheres, no seu momento de cumplicidade e passa a filmar, entre cortes, novamente os olhares trocados entre Héloïse e Marianne, em contraste, uma vez que, enquanto nas restantes observa-se um momento de celebração amistosa, o olhar das duas protagonistas é outro – é o olhar poético, da paixão (tanto é que este coaduna-se com o estilo de performance das duas actrizes, quer pela troca de sorrisos, olhares fixos e intensos, movimentação dos corpos, assim como a respiração de Marianne, que começa a sair pela boca, tudo isto **prenunciando o envolvimento** romântico e sexual que se consumará na cena seguinte).

Neste momento de trocas de olhares entre planos cortados das duas personagens, centradas, o espectador entende a duplicidade do fogo – tanto no sentido literal, como no sentido do amor-paixão, da dimensão carnal, da onda de calor que a lente da câmara fixa em Héloïse. Ocorre então o **movimento de câmara** que introduz um contraste face aos planos fixos que acompanharam quase toda a cena – uma **panorâmica para a esquerda**,

a acompanhar o caminhar de Héloïse. Esta escolha não é arbitrária – a câmara mexe-se no momento climático da cena: o vestido da personagem pega fogo, enquanto esta caminha, observando Marianne (tivemos esta cena quase toda feita de **planos subjectivos** ou quase subjectivos, entre o ponto de vista das duas personagens, alternando). Este momento será crucial, uma vez que inspirará Marianne mais tarde, pintando o “Retrato da Rapariga em Chamas”, isto é, este é o momento-âncora quer do **título de um quadro** que vemos no princípio, como do próprio **filme**, quase como numa *mise en abyme*. É nesse mesmo momento que a voz das mulheres em coro cessa de se ouvir – **através dos recursos fílmicos**, a realizadora indica-nos o momento-chave. Assim, este excerto relaciona-se com o arco narrativo da história porque é o clímax da mesma, o **ponto de viragem** na relação entre as duas personagens, que consumam o amor, mas cuja relação é desde logo destinada ao término, dado que Héloïse se irá casar e Marianne encontra-se naquela ilha da Bretanha para a retratar para o futuro marido.

A toda esta breve elegia do momento climático do filme, acrescentaria que o facto de uma das actrizes, Adèle Haenel, ser ex-companheira da realizadora é um dado interessante, uma vez que traz não só uma dimensão de representatividade da comunidade LGBTQ+ dentro do filme (a escolha das actrizes não é alheia a isso – felizmente!), como torna possível a análise da construção do filme na perspectiva de quem já amou aquilo que filma[4].

Ariana Galamba

Notas:

[1] Numa breve nota ao nome desta personagem, não deixa de ser curioso como esta parece ter alguma vaga inspiração em Heloísa de Argenteuil, uma intelectual do período medieval, que viria a ser freira. Sendo este um filme de época, com diversas referências históricas, literárias e artísticas, parece-me ser uma hipótese interessante de leitura.

[2] Refiro-me a *Hearing the Crackles in the Background: Listening and Female Intimacy in ‘Portrait of a Lady on Fire’* (2020), que poderão consultar aqui: <https://screen-queens.com/2020/04/14/listening-and-female-intimacy-in-portrait-of-a-lady-on-fire/>

[3] Expressão que, tal como Sciamma enuncia, é inspirada em Nietzsche e pretende significar que algo está a elevar-se naquele momento climático – a ligação de Marianne e Héloïse.

[4] E sobre este tema, aconselharia o artigo da *Vanity Fair*: <https://www.vanityfair.com/hollywood/2020/02/portrait-of-a-lady-on-fire>

A Heteronormatividade Na Sociedade

A heteronormatividade é um conceito que demonstra as expectativas, restrições e ações produzidas quando a heterossexualidade é considerada como a orientação comandante e normativa dentro de uma sociedade, e que condena tudo o que descaí da norma, como anormal e errado. Além disso, inclui a conceção de que os seres humanos recaem sobre duas categorias distintas: feminino e masculino, assim como o facto das relações sexuais e maritais serem aceites apenas entre pessoas de sexos opostos, bem como a ideia de que cada sexo possui certos papéis típicos ao longo da sua vida.

Atualmente, vivemos numa sociedade heteronormativa, onde a única escolha apresentada é binária, entre macho e fêmea, para definir a nossa identidade de género. Isto apresenta uma evidente falta de escolha quanto ao papel da identidade e do género sexual para uma pessoa. Além disso, a nossa sociedade parece apenas concordar com uma união que seja heterossexual, entre sexos opostos, algo que é claramente dogmático, visto que desde sempre existiram práticas homossexuais e casais que desejaram (e desejam) assumir a sua relação, independentemente de serem do mesmo género.

Michel Foucault, foi o pioneiro a apresentar esta falta de escolha que vigora no nosso mundo. Na sua coletânea de obras, em especial a *história da sexualidade*, demonstra como a heteronormatividade consiste num conjunto de prescrições que fundamentam os processos sociais de controlo e de regulação. O filósofo releva que dentro das sociedades heteronormativas, existem inúmeros mecanismos de verbalização, regulação e vigilância sobre os indivíduos. Um exemplo desses mecanismos são os discursos. Estes são formas de disciplinar e controlar a vida, os meios e os atos humanos. Muitos destes discursos controlam a nossa identidade.

A época vitoriana, é essencial para Foucault pois, foi através desta que se instaurou uma sociedade de perversão, onde se formou um poder que controla os corpos e o sexo. Porém, como é que é realizada a constituição da feminilidade e masculinidade numa sociedade heteronormativa.

Sendo que a sociedade heteronormativa é um sistema dicotómico de categorização que apresenta diversas restrições à formação do carácter e da identidade dos indivíduos, não será difícil de verificar que a constituição da feminilidade e da masculinidade se encontra repleta de obrigações e limitações. É esperado que cada género aja de determinada maneira.

R.W. Connell foi uma das melhores representações na questão da formulação de género. Na sua obra *The Question Of Gender* ela apresenta as inúmeras diferenças comportamentais e morais, entre as raparigas e os rapazes, apresenta casos como o vestuário que as pessoas usam. Espera-se que as mulheres usem cores coloridas e saias, e que se cuidem de forma mais pormenorizada, porque a sociedade instaurou a ideia de que as mulheres devem servir e agradar os homens, que são delicadas e frágeis, de todas as maneiras possíveis. Enquanto um homem, deve usar um casaco de cabedal e umas calças

de ganga, para demonstrar a concepção de que se orgulham em ser masculinos, que são duros, autónomos e que conseguem cuidar de uma mulher.

Ela considera que a transformação dos homens ou das mulheres não é um estado fixo, é uma formação, uma condição em constante construção. Por isso, não poderemos considerar a feminilidade ou a masculinidade imutável. O melhor exemplo disso são os casos de um homem feminino ou de uma mulher masculina, eles fogem a norma. E que não são casos assim tão raros.

Vivemos num mundo, onde as crianças mesmo antes de nascerem, já possuem os seus géneros definidos, a cor dos seus quartos e as cores das roupas que vão usar. O azul é para meninos, e o rosa é para meninas. Mas porquê?

Ao longo dos tempos, os grupos de raparigas e dos rapazes têm tido maneiras muito distintas de agir. Os rapazes são mais vigorosos e austeros, enquanto as raparigas são dóceis e meigas. Ambos aparentam possuir culturas diferentes, não apenas pelas suas interações e maneiras de agir, mas também pelos estereótipos e as crenças.

Judith Butler, foi também, uma importante difusora dos defeitos da heteronormatividade. Butler afirma que a feminilidade e a masculinidade não resultam de características biológicas, mas sim de um complexo de atribuições socioculturais modificáveis, formadas e recriadas por atos performativos, tais como o nosso vestuário, os nossos atos, entre outros, através das quais se articula o poder. Devido a esta filósofa, inúmeras pessoas foram capazes de descobrir a comunidade LGBTQIA+, foi ela, a rainha dos *queer*, e quem permitiu criar uma “brusca fenda” na sociedade dualista em que vivemos.

Considero que em pleno século XXI existe uma liberdade muito superior a que existia anteriormente. Hoje, e por todo o lado, obtemos informações acerca das falhas existentes da heteronormatividade, em plataformas de *streaming* como o *Netflix*, no *youtube* ou nas redes sociais.

Todavia, nem tudo “é um mar de rosas”. Ainda subsistem inúmeros meios e métodos de controlar a identidade das pessoas, um exemplo problemático disto é os filmes da enorme companhia: *Disney*. Apesar de atualmente, possuírem uma abordagem mais feministas e progressista, é impossível esquecer que as raparigas e os rapazes cresceram a ouvir histórias como a da Branca de Neve, da Aurora ou da Cinderela. Todas representam o estereótipo da mulher frágil, que necessita de uma homem na sua vida para ser salva.

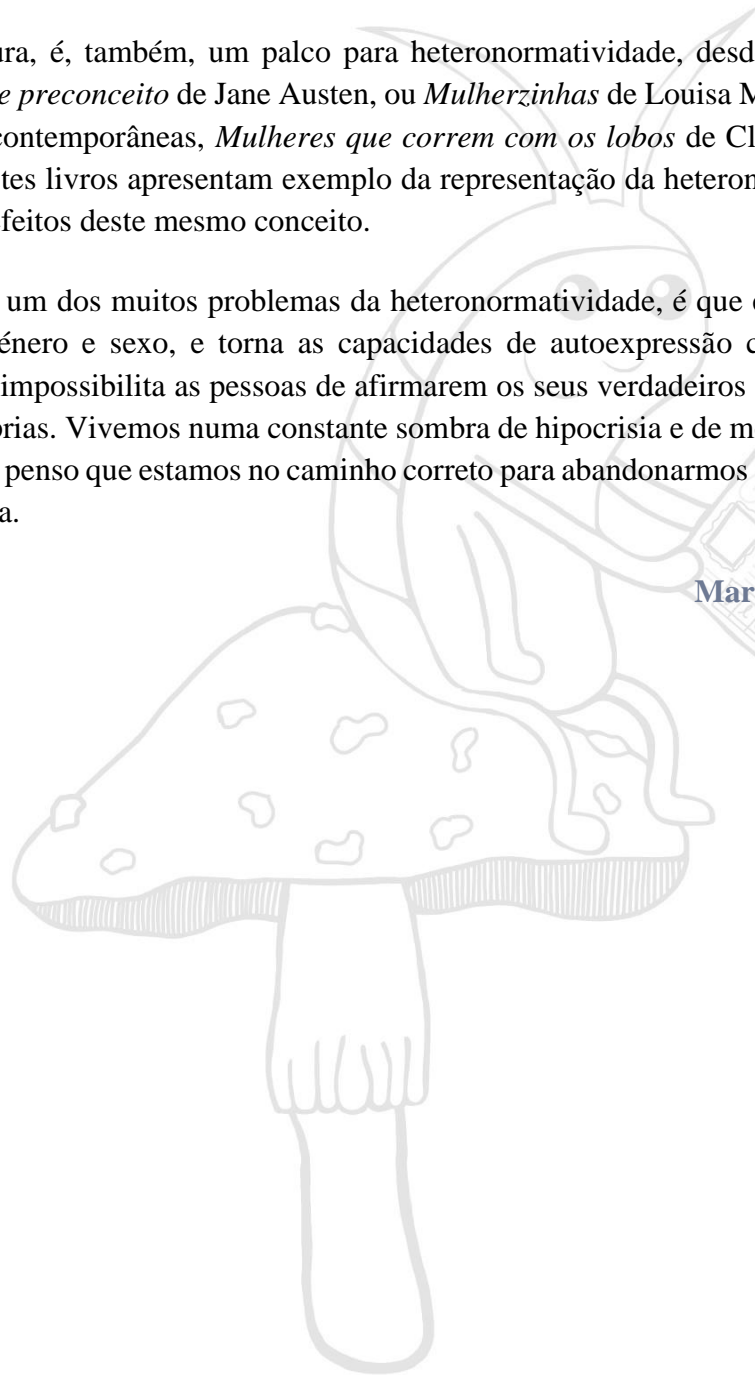
Contudo, existe esperança em filmes intemporais como *Paris Is Burning*, e em ícones da comunidade LGBTQIA+, como RuPaul Andre Charles, Ou em estilistas, que não temem usar o androgénio nas suas obras de arte. O pioneiro na indústria da moda a utilizar esta definição foi o Giorgio Armani e teve sucessores como Alexander Wang. Foi curiosamente com a moda que eu descobri que não existiam apenas dois polos, duas

maneiras de ser, dois géneros. A moda desde sempre que revoluciona a sociedade, com ícones como a Gabrielle Bohneur Chanel, mais conhecida como Coco Chanel, que foi a primeira a utilizar as calças, e criar calças específicas para mulheres, permitindo, desse modo, a libertação das mulheres do suplício que os seus corpos sofriam, entre os espartilhos e os corpetes.

A literatura, é, também, um palco para heteronormatividade, desde os clássicos como *Orgulho e preconceito* de Jane Austen, ou *Mulherzinhas* de Louisa May Alcott, até as obras mais contemporâneas, *Mulheres que correm com os lobos* de Clarissa Pinkola Éstes. Todas estes livros apresentam exemplo da representação da heteronormatividade, e os maiores defeitos deste mesmo conceito.

Contudo, um dos muitos problemas da heteronormatividade, é que estigmatiza os conceitos de género e sexo, e torna as capacidades de autoexpressão cada vez mais difíceis. E isso impossibilita as pessoas de afirmarem os seus verdadeiros *statements*, de serem elas próprias. Vivemos numa constante sombra de hipocrisia e de medo de sermos autênticos, mas penso que estamos no caminho correto para abandonarmos esta sociedade heteronormativa.

Margarida Nunes



Pride Contra Preconceito

Foi a 28 de Junho de '69, na *Stonewall Inn*, que começou aquilo que seria conhecido hoje como *Pride*. Marsha P. Johnson¹, *drag queen*, juntou-se às vanguardas LGBTQ+ na luta contra a opressão, que começaria naquele momento contra a ameaça imediata da opressão violenta policial e que seguiria para os dias de hoje .

A energia de Marsha e dos motins seria transportada para o ativismo e discurso da comunidade LGBTQ+ relembrada anualmente em junho, um pouco por todo o mundo através da Marcha.

Foi também há pouco mais de 30 anos que a OMS decidiu deixar de declarar a homossexualidade como doença, permitindo assim que a comunidade tivesse finalmente a liberdade de ser olhada e considerada como algo mais que apenas doentes psiquiátricos. Permitindo-lhes (amiúde) um acesso mais justo a cuidados de saúde², mas também a uma sociedade que até então os considerava algo a ser tratado, à força se necessário³, de forma a que abandonassem os seus “hábitos não saudáveis”.

A batalha tem sido longa e fatigante, e embora pequenas, quando comparadas ao que ainda há por fazer, as vitórias têm servido para dar alento e força a todos os que lutam e combatem todos os dias pelos direitos e liberdades que lhes são negados. Seria de esperar que, com o avançar dos anos e com as vitórias já conseguidas, desde o casamento legal entre pessoas do mesmo género, a direitos e apoios à transição para jovens e adultos trans, a luta fosse um pouco mais facilitada ou que a oposição não fosse tão violenta, mas não é isso que se tem visto.

No suposto paraíso da Liberdade, no estado do Texas, é proposto que se retirem os cuidados de saúde e ajudas médicas na transição a crianças trans, indicando na sua proposta de lei que qualquer médico que o faça terá a sua licença retirada e a impossibilidade de exercer doravante a sua profissão⁴. Na Polónia, aqui tão perto, são colocadas ainda mais restrições a adoção por parte de casais homossexuais ou homossexuais solteiros, numa tentativa de impossibilitar através de burocracia a adoção⁵, na Hungria passa a lei que proíbe conteúdos LGBTQ+ nas escolas ou para crianças⁶, na capital do México, só no ano passado foi finalmente banida a terapia de conversão⁷ e na Europa (leia-se o continente e não a União Europeia) apenas um país proíbe a terapia de conversão/reversão⁸.

É então neste ponto que devemos centrar e focar a nossa atenção. As vitórias do *Pride*; da energia e movimentos iniciados por pessoas como Marsha P. Johnson; são valiosas, mas ainda há muito trabalho a ser feito, há muita batalha a combater, muita vitória ainda por conquistar.

E não podemos, em momento algum, permitir que a força e a energia da luta e da revolução sejam paradas por burocratas e interesses que queiram ver as vozes LGBTQ+

silenciadas. Não podemos permitir que o preconceito cale o orgulho de existir e ser quem somos.

Este texto é escrito com o conhecimento do que ocorreu com a Marcha LGBTQ+ em Lisboa, no dia 20 de junho de 2021. O cancelamento da Marcha⁹ não serviu para calar o movimento e a voz de ativistas que ainda assim se juntaram¹⁰. Numa altura em que as vozes que acreditávamos que iam eventualmente calar-se voltam a elevar-se; contra as vozes que ainda não conseguiram obter a sua liberdade na totalidade, a liberdade de serem considerados tal como todos os outros, em postos iguais com direitos iguais; não podemos permitir que a pandemia ou outros acontecimentos impeçam a luta, ou que a atrasem.

Por isso, quando se elevarem as vozes com a já conhecida pergunta: “Mas para que querem o *Pride*?” ou com a velha conversa de: “Não querem igualdade, querem superioridade.”

Façam por relembrar a quem quer que o diga que ainda nada foi realmente conquistado, que a liberdade e os direitos conquistados pelo *Pride* são frágeis e facilmente podem ser perdidos.

Relembrem-nos que, num mundo heteronormativo¹¹, não podemos permitir que a conversa de “Já têm a igualdade que tanto querem” tenha asas. Será necessário a constante desconstrução dessa mentira, até que se desconstrua a normativa hétero que ainda domina desde ficção a espaços da vida quotidiana.

Relembrem que atualmente ainda existem 73 países onde é crime pertencer à comunidade LGBTQ+¹² e seis dos quais têm não só pena de morte para a comunidade, mas como pertencem à ONU¹³.

Relembrem-se dos esforços de Marsha P. Johnson, das vitórias que individualmente são pequenas, mas em conjunto são uma única e enorme vitória e não deixem que a energia motriz colocada em movimento por Marsha, e pelos motins de que fez parte, morra.

Continuem com o vosso Orgulho forte e não permitam que o preconceito vos leve a avante.

Continuem a lutar sempre.

A luta ainda não acabou.

Tiago Silva

Notas:

1. <https://eu.usatoday.com/story/news/investigations/2019/03/27/black-history-marsha-johnson-and-stonewall-riots/2353538002/>
2. <https://www.hrw.org/report/2018/07/23/you-dont-want-second-best/anti-lgbt-discrimination-us-health-care>
3. <https://oglobo.globo.com/celina/sobreviventes-da-terapia-de-conversao-sexual-compartilham-suas-historias-no-tiktok-24596808>
4. <https://www.texastribune.org/2021/05/17/texas-transgender-children-medical-care/>
5. <https://www.publico.pt/2021/03/11/mundo/noticia/polonia-poe-limites-adopcao-homossexuais-solteiros-1954064>
6. <https://www.sabado.pt/mundo/detalhe/hungria-aprova-lei-que-impede-conteudos-lgbt-em-escolas-ou-canais-infantis>
7. <https://www.publico.pt/2020/07/25/mundo/noticia/capital-mexico-bane-terapia-conversao-homossexual-1925828>
8. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41354769>
9. <https://esqrever.com/2021/06/19/22a-marcha-do-orgulho-lgbti-de-lisboa-cancelada-apos-parecer-negativo-da-dgs/>
10. <https://twitter.com/BlocoDeEsquerda/status/1406352742055043083>
11. <https://dicionario.priberam.org/heteronormativo>
12. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/relacao-homossexual-e-crime-em-73-paises-13-preveem-pena-de-morte.html>
13. <https://www.dn.pt/lusa/pelo-menos-seis-paises-da-onu-tem-pena-de-morte-para-gays-e-adulteras-10747965.html>

Notas Para Uma Breve Reflexão Sobre Género e Dança

Recentemente, em conversa com amigos, constatei que surgia uma questão relevante para me debruçar sobre: um dos meus amigos, bissexual, confessara em conversa que a sua expressão de género influencia altamente as expectativas que a sociedade espera dele. Enquanto homem que aprecia maquilhar-se e pintar as unhas, a sua experiência (que não será o foco deste artigo) mostrara-lhe que, infelizmente, era mais simples ele manter uma relação com um homem do que com uma mulher. Numa relação com um homem (cisgénero ou não), a sociedade veria a sua expressão de género como chamativa, *flamboyant* e, apesar de certamente discriminado, seria mais facilmente “tolerado”. Numa relação com uma mulher, a verdade é que esse amigo sentiria uma pressão social para se expressar de maneira diferente. Não uma pressão da parceira, mas uma pressão externa igualmente castrante. Esta situação deixou-me a cismar: não haverá espaços em que essa expressão de género possa ser questionada, ausente das expectativas da sociedade?

João Manuel de Oliveira, no prefácio de *Problemas de Género* [BUTLER: 2017], defende que, em Portugal, a reflexão sobre o género e os efeitos que uma leitura de Judith Butler poderia oferecer foram sentidos, inicialmente, no campo das artes performativas – mais especificamente, na dança. A Nova Dança Portuguesa constituiu o palco de debate para as questões levantadas por Butler. Os bailarinos foram capazes de problematizar o género, através dos corpos e, mais especificamente, reflectirem sobre o corpo fragmentado português. Pensar que a dança é um fenómeno pouco crítico, é na verdade não reconhecer que a corporalidade se espelha nas criações artísticas, à qual a corporalidade nacional não escapa. Nem toda a arte é extrinsecamente política, mas é inevitável que as criações artísticas possam ter a si associadas questões referentes ao seu contexto de produção.

O corpo fragmentado português é na verdade a expressão vagamente inspirada no título da obra homónima José Gil, que define o país como o “medo de existir”. Esse medo de existência é na verdade marcado por uma corporalidade fechada, reprimida, oprimida (a que não são alheios os acontecimentos políticos, que só a revolução de Abril viria a libertar). No entanto, os acontecimentos políticos que perduraram mais de quarenta anos transformaram o modo como o corpo português se constitui e se expressa, *inclusive*, claro, nas artes performativas. Fomos abandonados ao corpo oprimido que assumimos ter, aliás, que foi necessário assumir para ter a irreverência de questioná-lo. É talvez isso que tanto pode cativar na obra de alguns coreógrafos da Nova Dança Portuguesa, dos quais destaco neste curto texto o nome de Francisco Camacho.

Tendo estudado em escolas como o Merce Cunningham Dance Studio, Camacho trouxe para o palco nacional a irreverência e a capacidade de questionamento que o corpo fragmentado necessitava, de forma a não se converter num corpo moribundo. Trouxe a reflexão sobre a expressão de género, mas também o desconforto dos mais cépticos. De acordo com João Manuel de Oliveira, a apresentação de *Nossa Senhora das Flores* (estrada no Teatro Nacional D. Maria II, em 1993) protagonizou a “concepção de género

enquanto performatividade” [2017:14], ou seja, já antes de começar a ser pensado academicamente em Portugal (aliás, não é alheia a recente introdução dos Estudos de Género, enquanto área de estudos, nas mais conceituadas instituições do país), o género já era questionado no mundo artístico, até porque a performatividade de género implica uma acção, um *fazer* e quiçá fosse natural agir primeiro e pensar depois.

O questionamento do género através da dança permitiu, finalmente, a criação dum espaço com menos expectativas por parte da sociedade face a esta exploração (o mesmo não se poderá dizer dentro da comunidade artística, onde as reacções da crítica poderão ser mistas). Era criado o espaço ideal para questionar, sem a pressão externa a que me referi no início deste texto. Se a arte poderia ser alvo do cepticismo de alguns? Absolutamente. Se existia alguma “tolerância”, como aconteceria na situação do meu amigo ter uma relação com um homem e isso validar mais facilmente a sua expressão de género? Creio que sim, daí as artes performativas serem o contexto particular para a criação deste espaço de questionamento do género.

Hoje, quase três décadas depois da estreia, podemos compreender o que Camacho questionava com o seu objecto de trabalho. Vestindo um “figurino-cenário”, este solo continua a trazer um sentimento de desfragmentação assumida, ou, servindo-me das palavras de Foucault, “fragmenta o que supostamente estava unido, revelando heterogeneidade do que supúnhamos ser consistente”[1]. Assim, a expressão de género deixa de estar polarizada entre masculino e feminino – passa a ser algo fluído, mais ambíguo e menos discernível – a área cinzenta que sempre ocupou. Na verdade, a expressão de género é plurifacetada, não é binária, muito menos é algo biologicamente definido. É socialmente construída, tal como a teoria da performatividade de género de Butler defende. Os constrangimentos que associam um vestido ao feminino, a cor azul ao masculino e poderíamos continuar *ad infinitum* com construções de género sociais, maioritariamente oriundas do século XX - cabe-nos a nós, enquanto comunidade, desconstruir.

Ariana Galamba

Notas:

[1] Tal como descrito no site da EIRA, estrutura fundada pelo bailarino, que se ocupa do desenvolvimento e promoção da dança contemporânea (<https://eira.pt/nossa-senhora-das-flores/>)

Terapia de conversão: Um relato

Nas últimas semanas, o debate sobre a moral das terapias de conversão sexual foi palco de muitas opiniões, sendo a posição geral: contra. Mas há um grupo que questiona o porquê das terapias de conversão sexual[1] serem rejeitadas pela sociedade, mas as terapias feitas por uma pessoa durante o seu processo de transição de gênero[2] serem vistas como aceitáveis.

É importante referir que todo o tipo de debate construtivo é importante, no entanto, levantar tópicos que podem fomentar uma visão intolerante não me parece correto. Principalmente quando, neste caso, querem associar dois conceitos diferentes que são a sexualidade e o gênero.

Três das principais consequências das terapias da conversão sexual são ansiedade, depressão e pensamentos suicidas e, por exemplo, em 2018, no Reino Unido 2% da população LGBTQIA+ já esteve em terapias de conversão sexual e 5% foram recomendados a ir. 2% de toda uma população que deve ter, ou pode ter tido, um desses sintomas devido ao processo a que foi exposto.[3]

De modo a reforçar a importância das terapias de conversão sexual serem ilegalizadas, trago-vos um depoimento de Gi Morales, escrito em 2020 e publicado aqui com a sua permissão.

"«Durante dois anos eu me tratei com essa terapeuta e em todas as consultas ela me fazia repetir a frase “a homossexualidade é a busca descabida pelo prazer”.

Segundo ela esse era o motivo pelo qual eu apresentava o comportamento homossexual, que com esforço poderia ser mudado.

Eu vim de uma família extremamente religiosa e tradicional, o que em conjunto com a ingenuidade da minha juventude acabou facilitando para que eu acreditasse em tudo o que ela dizia e assim segui as recomendações que ela me passou.

Voltei a frequentar a igreja, passei a namorar pessoas do sexo oposto e a me portar de forma mais aderente a normativa de gênero.

Para as pessoas ao meu redor tudo parecia bem, eu tinha encontrado o meu caminho e tinha sido “curado”.

A verdade é que eu não fui “curado”, eu chorava todas as noites, me ajoelhava e implorava para Deus me curar, porque ele não me curava? Eu estava dando o meu melhor mas mesmo assim os pensamentos e os desejos “impuros” continuavam ainda mais fortes.

Eu comecei a me odiar, como eu podia pecar dessa forma? Por que aqueles pensamentos não saiam da minha mente?

O tempo passou, eu me formei e parei de me consultar com ela, mas as cicatrizes ficaram, por muito tempo continuei me odiando e mantendo uma fachada, pois acreditava que era errado ser eu mesmo, além de não acreditar que pudesse existir amor no meio LGBTQ+, apenas sexo.

Me anulei e me feri muito enquanto tentava negar minha verdadeira identidade e sexualidade, mas a verdade é que dentro de todos nós existe um voz que já sabe quem somos de fato, podemos tentar fugir e mascarar, mas a verdade sempre aparece...

Já fazem 10 anos desde que me tratei com essa Psicóloga, hoje eu me consulto com profissionais especializados no público LGBT e consegui curar muitas dessas cicatrizes

e encontrar meu verdadeiro eu, mas Infelizmente essa não é a realidade de todas as pessoas que passam pela cura gay, muitos se suicidam, outros mantêm escondendo quem são e existem aqueles que nunca conseguem curar as cicatrizes deixadas por esse processo antiético e ilegal."

Com isto, deixo-vos que se questionem sobre a moralidade, ou a falta dela, das terapias de conversão sexual. E lembre-se, intolerância e preconceito nunca mais serão tolerados, principalmente por pessoas que têm facilmente acesso a informação.

Winnie Lourenço

Notas:

[1] Terapia de conversão sexual compreende um conjunto de métodos que visam eliminar a orientação sexual divergente de um indivíduo.

[2] **Transição de gênero** é o período pelo qual uma pessoa passa para se adequar ao gênero que ela realmente sente pertencer, podendo se submeter a tratamentos hormonais, cirúrgicos, fonoaudiológicos, entre outros, para paulatinamente transformar suas características primárias e secundárias nas do gênero desejado.

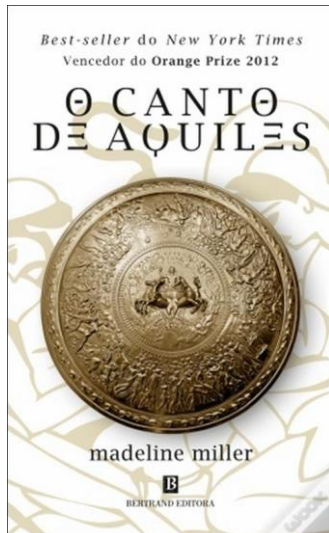
[3] <https://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063446f764c324679626d56304c334e706447567a4c31684a566b786c5a79394562324e31625756756447397a5357357059326c6864476c32595338334e3246684e7a5a6d4e7930334d6a4d774c5452684e3249744f574a695a43316b4d6a5a694e6d4d32596a67304d4463755a47396a&fich=77aa76f7-7230-4a7b-9bbd-d26b6c6b8407.doc&Inline=true>

[4] <https://www.instagram.com/p/B8tooqpna3y/> (o texto sofreu alterações editoriais)



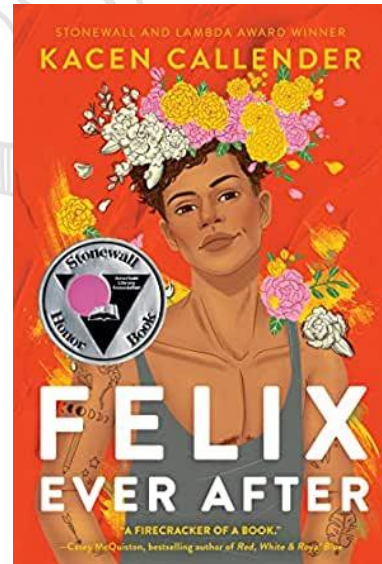
E na tua estante, também há espaço para o Pride?

Num mês tão importante para a comunidade LGBT, na qual a diversidade é celebrada, é indispensável mencionar também a representatividade nas várias formas de cultura, especialmente na literatura. Os personagens LGBT representam uma forma de conforto, segurança e podem ser considerados importantes na maneira como a sociedade vê e compreende a comunidade. A leitura de outras histórias, fictícias ou não, pode ser uma forma de aprendizagem. Por isso, foi compilada uma lista de livros, na sua totalidade contemporâneos, que podem acompanhar os leitores do *Cola* durante o Verão.

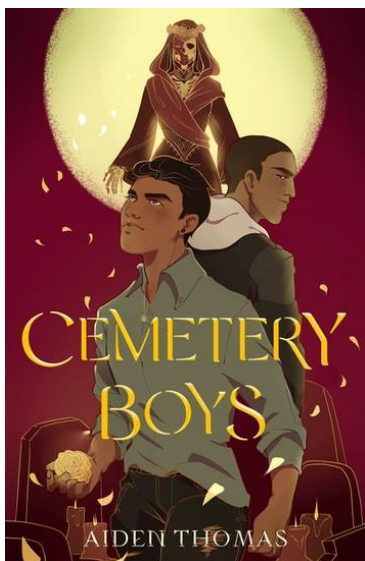
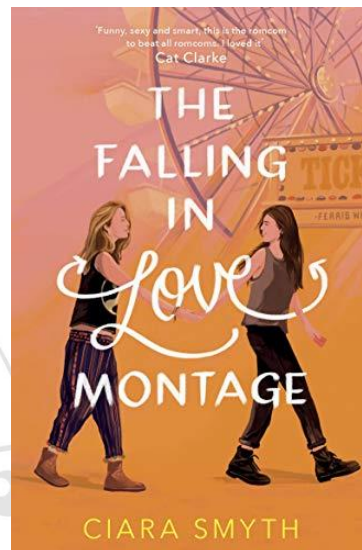


Em primeiro lugar, *O Canto de Aquiles* de Madeline Miller. Esta ficção histórica conta as peripécias vividas por duas personagens famosas dos estudos clássicos, Aquiles e Pátroclo, que se acredita ter sido um dos pares homossexuais mais antigos na história. Envolvendo toda a questão da Guerra de Tróia, a autora leva-nos aos recantos da memória de Pátroclo e à sua perspetiva sobre o seu amigo de infância, e mais tarde amante, Aquiles. De uma forma muito intrigante, não só consegue envolver-nos na intriga e nas questões políticas, como também ressalta que a homossexualidade advém desde os primórdios da humanidade.

De seguida, *Felix Ever After* de Kacen Callender também uma boa aposta para o entendimento de algumas camadas e vivências da comunidade. A representatividade transgénero e a ligação com questões raciais permite uma melhor visão sobre a necessidade de análise sobre várias identidades dentro do espectro LGBT. A integração das pautas raciais, mesmo que de forma subtil ao longo da história, alerta o leitor para o seu lugar de fala e a necessidade de a comunidade ser completamente interseccional. *Felix Ever After* aproxima-nos de questões como a transfobia, a descoberta da própria identidade de género, o valor da amizade e das relações entre jovens. Além disso, retrata algo muito comum entre a comunidade artística: o bloqueio artístico e a pressão em busca de uma obra-prima. Kacen Callender, autore do livro, é uma pessoa não binária cujos pronomes são *they/them* (elu/delu em português) e que nos traz um pouco do seu mundo de uma forma admirável em cerca de 350 páginas.



The Falling in Love Montage de Ciara Smyth é também um ótimo livro para ler durante o *Pride Month*. Depois de uma relação que termina de forma abrupta e de problemas familiares graves, Saoirse vê a sua vida virada do avesso, isto é, até encontrar Ruby. Ruby é fã de comédias românticas e propõe a Saoirse que façam do seu verão um autêntico filme, com todos os clichês a que casais heterossexuais têm direito nos filmes. Assim, de forma humorística e leve, este livro promete lidar com a falta de representatividade saudável de lésbicas e mulheres bissexuais em filmes e séries. Ao mesmo tempo que se diverte com Ruby, Saoirse tenta aprender a lidar com a doença da mãe. Esta sofre de demência e, ao longo da narrativa, vamos percebendo o quão debilitante a doença pode ser para o paciente e desgastante para quem cuida. Certamente, poder-se-á esperar um final feliz nesta história em particular, em que o casal sáfico não morre tragicamente num sacrifício nem é sexualizado, alterando assim o rumo que muitas histórias sáficas costumam tomar, ao mesmo tempo que torna relevante a abordagem que se deve ter quando lidamos com alguém que sofre com doenças do foro neurológico e tão degradantes como a demência.



Por último, mas não menos importante, *Cemetery Boys* de Aiden Thomas, direcionado, sobretudo, para os fãs de fantasia. Yadriel, um rapaz trans numa comunidade latina de *bujx*, precisa de provar à sua família e à sua comunidade tradicional que merece ser *brujo* tanto quanto os rapazes cisgénero da sua idade. Face a um desaparecimento na família e a uma morte no cemitério da sua comunidade, Yadriel e a sua prima, a única pessoa que o aceita verdadeiramente na sua família, encontram o fantasma de Julian e juntos partem numa jornada para encontrar o corpo de Julian e ajudá-lo a passar para o mundo dos mortos. Combinando elementos de *brujería*, *folklore* e tradições latinas com a experiência transgénero e homossexual, os três amigos descobrem a sua própria identidade enquanto resolvem o grande mistério em que se envolveram. A narrativa é, sem dúvida, emocionante e promete demonstrar como o respeito pelos pronomes certos e quebra da tradição religiosa e aceitação de jovens LGBT nas comunidades pode influenciar a (sobre)vivência dos mesmos.

A leitura frequente contribui para a aprendizagem e a aceitação das experiências LGBT. É decisivo procurar, cada vez mais, não só livros com personagens gays, lésbicas, bissexuais, pansexuais, transgénero, etc., como também autores inseridos nestas identidades. Quer sejam parte da comunidade ou meros aliados, há que normalizar a

existência destas personagens nas várias formas de multimédia e de cultura, uma vez que este pequeno gesto pode refletir-se como uma forma de combate ao preconceito e pode trazer conforto a crianças, jovens ou até adultos que nunca tiveram a oportunidade de crescer com pessoas “iguais a elas”.

Ana Faitão



Peaches / March 8th / Breaking The Distance

Peaches

the golden light of the sun
shines through the leaves,
bathing everything in an ethereal glow,
our surroundings melting like liquid gold
I want to drink it in —
I want it to swallow us whole,
Gilding our silhouettes like treasure
And taking us somewhere far away
where this warmth would never leave
and our love is only ours to judge
let us be tangled in the sheets
eating peaches in the glow

March 8th

in the midst of the revolution
a more quiet one brewed unseen
and I felt the full force of it,
overflowing from within
as we marched on
through the smoke filled streets —
your hand in mine
a beacon in a sea of people

Breaking the distance

step by step
I reach my own reflection
peeling away layers I put on
finally freed from suppression

Rafaela Lopes

